

RUA AUGUSTO DIAS DA SILVA

Lei nº 2019 de 25-03-1959

Lei nº 2469 de 22-04-1961, Artigo 2º

Formada pela rua 4 do Jardim São José

Início na rua General Lauro Sodré

Término na rua Amador Bueno

Jardim São José

Vila Industrial

Obs.: A lei nº 2019 foi promulgada pelo Prefeito Municipal de Campinas José Nicolau Ludgero Maselli e a lei nº 2469 foi promulgada pelo Prefeito Miguel Vicente Cury. A lei nº 2469/61 revalidou e restabeleceu a lei nº 2019/59.

AUGUSTO DIAS DA SILVA

Augusto Dias da Silva nasceu na Freguezia de Sobrado, Concelho de Valongo, Distrito do Porto, Portugal e faleceu em Campinas. Era filho de Joaquim Dias da Silva e Maria André dos Santos. Augusto Dias da Silva veio para o Brasil por volta de 1890, radicando-se em Campinas, no bairro da Vila Industrial. Cinco anos mais tarde, veio para o Brasil o irmão de Augusto, de nome Manuel, e juntos constituíram uma empresa de transporte por carroças. Com o rendimento desse serviço, Augusto e Manuel adquiriram alguns terrenos nas imediações das oficinas da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, situada na rua Sales de Oliveira, na Vila Industrial. A empresa ferroviária no afã de ampliar suas instalações, comprou os imóveis dos irmãos, por bom preço, permitindo a ambos acumular um bom capital. Passaram então a construir casas que alugavam ou vendiam, a preços baixíssimos. Construíram uma vila de casas com trinta moradias, que foram adquiridas por ferroviários. Estenderam a construção de casas por todo o bairro, pela avenida João Jorge, rua General Osório, cujos imóveis eram vendidos por preços irrisórios e longas prestações mensais, cujo valor era sempre inferior ao de aluguel. Mais tarde juntaram-se mais dois irmãos, Alberto e Belmiro, que vindos de Portugal, também passaram a construir e comerciar, sempre dentro do mesmo espírito de solidariedade, fazendo seus negócios sérios, honestos e sem ganancia. Augusto, a exemplo de seus demais irmãos, participou do progresso da Vila Industrial e da cidade de Campinas, colaborando nas iniciativas sociais, esportivas e religiosas.

RUA AUGUSTO DIAS DA SILVA
RUA/CLODOMIRO/FRANCO/DE/ANDRADE/JUNIOR/



LEI N.º 2469, DE 22 DE ABRIL DE 1961
DA O NOME DE CLODOMIRO FRANCO DE ANDRADE A
UMA RUA DA CIDADE E DA OUTRAS PROVIDENCIAS

A CAMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO DO MUNICIPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:
Artigo 1.º — Fica denominada Clodomiro Franco de Andrade a via pública que abrange as Ruas 45 e 42 do Jardim do Trevo a qual, tendo início na Rua 46, termina na Rua Circular.
Artigo 2.º — Fica revalidada e restabelecida a Lei n.º 2.019, de 25 de março de 1959, que deu o nome de Augusto Dias da Silva à Rua 4 do Jardim São José.
Artigo 3.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário, notadamente a Lei n.º 2.270, de 2 de março de 1960.

Paço Municipal de Campinas, aos 22 de abril de 1961.
MIGUEL VICENTE CURY
PREFEITO MUNICIPAL

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, em 22 de abril de 1961.

DR. PLÍNIO DO AMARAL
Respondendo pelo cargo de Diretor
do Departamento do Expediente

LEI N.º 2579, DE 12 DE OUTUBRO DE 1961
ALTERA A LEI N.º 2469, DE 22 DE ABRIL DE 1961
A CAMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO DO MUNICIPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — A denominação constante da Lei n.º 2469, de 22 de abril de 1961, fica sendo Clodomiro Franco de Andrade Junior.
Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.
Paço Municipal de Campinas, aos 12 de outubro de 1961.

MIGUEL VICENTE CURY — Prefeito Municipal
Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal em 12 de outubro de 1961.

MARIA DO CARMO COIMBRA GOMES — Respondendo pelo cargo de Diretor do Departamento do Expediente em substituição.



**LEI N. 2019, DE 25 DE MARÇO DE 1959
DA' O NOME DE AUGUSTO DIAS DA SILVA A UMA
RUA DA CIDADE**

A CÂMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — Fica denominada Augusto Dias da Silva a Rua n.º 4 do Jardim S. José, que tem início na Rua General Lauro Sodré e termina na Avenida Manuel Dias da Silva.

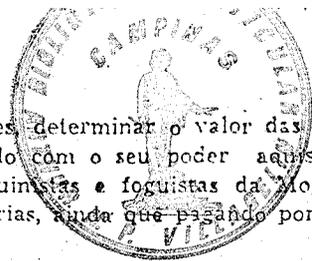
Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 25 de março de 1959.

JOSE' NICOLAU LUDGERO MASELLI — Prefeito Municipal
Eng.º JOSE' BENEDITO DE MELLO — Secretário de Obras e Serviços Públicos

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal de Campinas, em 25 de março de 1959.

ALVARO FERREIRA DA COSTA — Diretor



O Beco Manoel Dias fica no bairro mais antigo de Campinas, a Vila Industrial. Ocupa todo um quarteirão, entre a avenida Sales de Oliveira e a Rua 24 de Maio. Para quem não conhece a região, pode passar despercebido. Porém, duas características fazem dele um lugar especial: A primeira delas: ele se formou no princípio do século e possui casas com mais de setenta anos. A segunda: tem os aluguéis mais baratos da cidade; habitações pelas quais os moradores pagam 250 cruzeiros mensais chegam a custar, em outras áreas, mil cruzeiros.

As casas do Beco — são trinta — foram construídas pelo português Manoel Dias da Silva a partir de 1902, quando a urbanização da cidade estava praticamente se iniciando. Embora o bairro tenha hoje a denominação de Vila Industrial, não havia indústrias; os cortumes que atualmente funcionam na área, foram instalados após a primeira guerra mundial. Havia apenas a estação da então Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, que se encontra ainda no mesmo local, ao lado da avenida Sales de Oliveira.

Manoel Dias construía as casas e vendia para quem quisesse ou pudesse comprar. Tinha três irmãos — Augusto, Alberto e Belmiro Dias da Silva — que faziam o mesmo. Os quatro emigraram do Porto no final do século passado e pertenciam a uma família de agricultores. Eram onze filhos (quatro homens e sete mulheres) e a situação econômica era má; a maior parte das terras havia sido hipotecada.

Esperança

Augusto foi o primeiro a chegar. Manoel veio logo depois. E, em seguida, os outros dois. Montaram um serviço de transporte por carroças e após algum tempo puderam adquirir alguns terrenos na área onde a Mogiana instalaria sua estação. Tiveram sorte. A companhia comprou os lotes e pagou preço bom, o que permitiu aos quatro irmãos acumular o capital inicial.

As primeiras casas foram construídas lentamente. Eram pequenas e muitas delas ainda estão de pé no Beco Manoel Dias. Possuem quatro cômodos: dois quartos, uma sala, uma cozinha. O banheiro fica nos fundos, fora do imóvel. O progresso foi-lhes acrescentando, depois as redes de esgoto e a luz elétrica. E hoje quase todas têm antenas de televisão penduradas em seus telhados.

Algumas moradias foram feitas sob encomenda. Mas várias delas eram negociadas só depois de concluídas. Mesmo com aqueles cuja capacidade financeira não aparentasse ser suficientemente elevada. "Quer comprar?", perguntava um dos irmãos Dias. "Mas não tenho dinheiro", respondia o possível comprador. "Não tem importância, a gente acerta depois". As vendas eram controladas por cadernetas iguais às que se utilizam atualmente nos pequenos armazéns e mercearias. E os com-

pradores podiam, as vezes, determinar o valor das prestações a pagar, de acordo com o seu poder aquisitivo. Isso permitiu que maquinistas e foguistas da Mogiana tivessem suas casas próprias, ainda que pagando por elas durante vários anos.

"Naquele tempo, havia mais confiança". José Moreira Dias, sobrinho dos quatro irmãos e atualmente com 77 anos, recorda com nostalgia "aquela época em que o companheirismo era maior". E lamenta que hoje, tudo tenha de ser feito "na ponta do lápis", com despesas muito maiores. "Agora, quem pode comprar casa própria se até o aluguel de uma casinha mixuruca come o salário-mínimo inteiro?"

O objetivo dos irmãos Dias, entretanto, não era construir um núcleo habitacional popular, no sentido que se dá atualmente a esta expressão. Não havia planejamento (nem mesmo urbano) e o Beco Manoel Dias é um exemplo disso com suas casas sem localização exata e que, às vezes, parecem amontoar-se umas às outras.

"Mas posso dizer que a maioria delas é bem melhor que essas habitações da Cohab", garante José Moreira Dias. "As moradias de hoje parecem ser feitas de papelão, mas essas de 40 ou 50 anos atrás têm muito tijolo e cimento nas paredes; tanto é que ainda permanecem firmes, de pé". Os irmãos Dias, segundo José, usavam material de construção de boa qualidade, "ao contrário de algumas construtoras de agora..."

Além da Vila Industrial, os quatro irmãos levantaram casas em outros pontos da cidade: algumas na atual avenida João Jorge, outras na Rua General Osório (que fica no centro de Campinas). No início, trabalhavam diretamente na construção, como pedreiros, auxiliados por parentes que iam saindo de Portugal para o Brasil. Depois, puderam contratar mão-de-obra operária.

O empreendimento durou cerca de quarenta anos. Só depois de velhos, sentindo-se cansados, os Dias da Silva deixaram de construir habitações, mas já com a vida estabilizada. Na Vila Industrial, diz José Moreira, "é mais fácil dizer quais casas não foram feitas por eles". E também igrejas, pois a primeira capela do bairro foi levantada pelos irmãos.

Dos quatro, atualmente, não resta nenhum. O último, Belmiro, morreu há dois anos, deixando casas para os seus dezessete sobrinhos. E da família de onze irmãos, a única viva é Carolina Dias, de 98 anos. Está doente, "mas ainda lúcida" segundo José Moreira.

Somente Manoel Dias, entre os homens, se casou. Teve cinco filhos e adotou mais dois. Emilio Dias é um deles. Tem 75 anos e mora na casa n.º 63 do Beco que leva o nome do padrao. Quinze dos imóveis existentes no local são seus; os outros pertencem aos irmãos.

Os inquilinos não se queixam muito. Alguns residem no local há quarenta anos e não querem se mudar, "pois o lugar é bom e o aluguel é baixo". E entre os que adquiriram imóveis dos quatro irmãos, há pessoas que ainda não possuem a escritura de compra e venda, embora sejam proprietários de fato. Prova de que a "confiança" ainda não morreu?

Os Dias da Silva e seus descendentes — quase todos no Brasil — também se consideram satisfeitos. Com os investimentos e lucros dos quatro irmãos, puderam reaver as terras hipotecadas e atravessar várias vezes o Atlântico.

Alguns foram estudar na Europa e outros visitaram e revisitaram Portugal. Hoje, por causa disso, José Moreira Dias acha que "o Brasil é um país abençoado por Deus..."

(Extraído do Suplemento de domingo do jornal

"Correio Popular" de 31-julho-1977).